



A função do professor em educação emancipatória

Danice Betânia de Almeida

RESUMO

O presente paper está fundamentado na história de Joseph Jacotot encontrada na obra de O mestre ignorante, do filósofo francês Jacques Rancière e na obra de Paulo Freire, intitulada A Educação como Prática da liberdade. O estudo constitui-se de uma revisão da literatura, onde propomos uma leitura crítica sobre a função do professor em educação, fundamentada na teoria das práticas (ensinar) emancipatórias da inteligência propostas por esses dois autores sob a ótica das representações. Com os objetivos específicos de identificar as estratégias de ensino como uma forma de conhecimento socialmente elaborado; reconhecer o conceito das práticas emancipatórias, como também, compreender como se formaliza no social a função do professor emancipador.

Palavras-chave: Professor, Emancipação, Educação, Representação.

1 INTRODUÇÃO

Os elementos teóricos que fundamentam o conteúdo deste paper estão centrados nas concepções: de Professor, Emancipação, Educação. Fazem parte do estudo os temas que envolvem a função social do professor considerando as teoria das práticas emancipatórias na perspectiva de Rancière e Paulo Freire e educação emancipatória como um conhecimento socialmente elaborado, com bases no conhecimento se formaliza nas práticas sociais.

O presente paper é uma revisão da literatura que tem como aporte teórico principal as obras de FREIRE, Paulo. A Educação como Prática da liberdade. RANCIÈRE, Jacques. O Mestre Ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. A partir da análise deste conteúdo, buscamos compreender a partir de uma pergunta central de investigação: qual a função do professor a partir de proposta de Rancière e de Paulo Freire?

Neste estudo, propomos uma leitura atenta sobre a função do professor fundamentada na teoria das práticas emancipatórias propostas pelos autores: Freire e Rancière. Com os objetivos específicos de identificar as estratégias de ensino como uma forma de conhecimento socialmente elaborado; reconhecer o conceito das práticas emancipatórias.

O pensamento do educador brasileiro Paulo Freire obteve ampla disseminação e reconhecimento em todo o mundo devido à sua proposta de que a educação deve ser um processo que revele e habilite, ou seja, uma jornada constante de descobertas em busca da liberdade, na qual a comunicação desempenha um papel fundamental e inseparável.



2 FALANDO SOBRE A FUNÇÃO DO PROFESSOR

Paulo Reglus Neves Freire, nasceu no dia 19 de setembro de 1921 em Recife, Pernambuco. Transformou-se em um dos pensadores brasileiros mais importantes do século XXI. Procurou unir durante sua vida, a teoria e a prática; o ensino e o aprendizado; o discurso e o exemplo, isto é, com seus conhecimentos, com suas sistematizações, com seus saberes, conseguiu colocar uma espécie de óculos em milhões de educandos e educadores para que pudessem então enxergar não apenas as letras, mas sobretudo a realidade.

Em suas obras revela que a escola é um local de troca de saberes e de afetividade; um local onde educador e educando se encontram para uma tarefa de educação que é conjunta. Esse pensador aponta para a necessidade do diálogo e da reflexão entre os sujeitos que ocupam o espaço escolar. Valoriza o ser humano como um todo, como um cidadão e como sujeito de sua própria história e da história coletiva da humanidade.

O educador ensina que educar para a liberdade constitui partilhar o saber e promover uma “vontade” coletiva em direção à democracia, a libertação como processo permanente. Significa não apenas a consolidação da vitória, mas também a concretização de um modelo da sociedade, já de certo sentido desenhado na etapa da luta. É assim, que Paulo Freire pensava a vida, as relações humanas, buscando a transformação na sociedade, achava que cabia ao setor educacional intervir nas ações que considerava de relevância para a sociedade, como um todo. “A educação como prática de liberdade, ao contrário daquele que é prática de dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado no mundo como uma realidade ausente nos homens” (FREIRE, 1989, p. 81).

A educação é essencialmente um ato de conhecimento e conscientização,

toda aprendizagem deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência da situação real vivida pelo educando, (...) segundo esta pedagogia o aprendizado já é um modo de tomar consciência do real e como tal só pode dar-se dentro desta tomada de consciência (FREIRE, 1989 p. 14-16).

Perpassando a condição de transferência de conhecimento uma vez que não existe saber feito e acabado para Freire, suscetível de ser captado e compreendido e, em seguida depositado nos educandos. O saber não é uma simples cópia ou descrição de uma realidade estática. A realidade deve ser decifrada e reinventada a cada momento. Neste sentido, a educação é um ato dinâmico e permanente de conhecimento centrado na descoberta, análise e transformação de realidade por meio da troca de diferentes saberes. Paulo Freire, sempre acreditou na pluralidade dos saberes, e para que esta pluralidade se concretize emerge a necessidade de se transformar os educadores.

O conhecimento emerge do mundo onde as pessoas se encontram e interagem, do mundo onde os interesses humanos, necessidades e desejos encontram expressões, satisfação ou frustração. Em síntese, o conhecimento surge das paixões humanas e, como tal, nunca é desinteressado; ao contrário,



ele é sempre produto de um grupo específicos de pessoas que se encontram em circunstâncias específicas, nas quais elas estão engajadas em projetos definidos. (DUVEEN, 2010, p.9)

Compreendemos em Lefebvre (1980) que as forças sociais, como fator externo e influenciam na estrutura educacional de alguma maneira. Fechar os olhos às tensões que delas emergem, é fechar-se e recolher-se; é não se dar conta de suas próprias limitações e condicionamentos. Desta forma Freire (1989) complementa dizendo que quando o educador ajuda seus educandos a tomar conhecimento disso pode conduzir o indivíduo a transpor suas pequenas condições, no sentido ajudá-los a refazer sua compreensão de saber ingênuo ou do senso comum, por uma sabedoria política crítica mais rigorosa, mais clara com relação à vida, buscando aos poucos transformá-la.

Então, a prática não pode ater-se à leitura descontextualizada do mundo é preciso reconhecer o conjunto de saberes que é constantemente criado e recriado na esfera do senso comum para além dos bancos e muros escolares, é buscar apropriar-se da prática dando sentido à teoria. Para Freire o ser humano compreende o mundo a partir de seus referenciais, num processo dialético de desvelamento da realidade, não há prática sem teoria e não há teoria que não se submeta ao ajuizamento da prática.

Contudo, na obra ‘O Mestre Ignorante’ percebemos evidências de uma didática tradicional, no qual o mestre tinha como tarefa transmitir seus conhecimentos aos alunos. Através da explicação, o mestre transmitiria seus conhecimentos para em seguida verificar se o aluno entendeu, o ritmo do processo ensino-aprendizagem é o estabelecido pelo professor e todos os alunos são tratados igualmente, como se pudessem adquirir, no mesmo tempo e da mesma forma, os conteúdos ministrados.

Porém, após passar por uma experiência com um grupo de alunos, percebeu que tudo isso, passa a ser o princípio do embrutecimento, e, em contradição a esse princípio, “surge” o princípio da emancipação. O princípio de emancipação faz com que o aluno tenha iniciativa para acessar conteúdos e buscar informações onde elas estiverem, onde os conteúdos estão inteiramente ligados a prática e são de interesse do aluno.

Neste movimento, Keim (2011) referenda que o ensino se apresenta como dinâmica que prioriza a ação consciente, ratificada em bases comprováveis e em propostas enunciadas com certa objetividade. O ensino nessa perspectiva tem prevalência na epistemologia e nas tecnologias e por meio dele, a pessoa se mostra como quem tem conhecimento capaz de desenvolver tarefas e executar processos que carecem de informações claras e objetivas. No ensino prevalece a capacitação para fazer e criar diferentes ações inerentes às suas relações interpessoais e ambientais.

Retomando na ótica de Freire (1989), a relação teoria e prática, não são apenas palavras, é reflexão teórica, pressuposto e princípio que busca uma postura, uma atitude do homem face ao homem e do homem face ao mundo. Para interpretar a realidade cotidiana, o sujeito afetiva uma atividade mental. Esta tem o objetivo fixar posições em relação a situações, acontecimentos e ao próprio sujeito. Torna-se imprescindível



ressaltar que, essa atividade mental não se trata apenas de uma reprodução, mas de uma construção, pressupondo o caráter de autonomia e de criação, nas dimensões individual ou coletiva, que o indivíduo possui.

O sujeito é visto como um ser ativo que, agindo sobre os objetos de conhecimento, no seu meio, interage socialmente e sofre as influências dos mesmos, ao mesmo tempo em que interioriza vários conhecimentos a partir de sua ação. Assim, aos poucos no cotidiano, o indivíduo vai formando o seu intelecto, interagindo com o mundo, construindo e buscando o conhecimento dentro de seu ritmo, seu interesse suas necessidades e possibilidades. O sujeito age sobre o objeto e o meio numa interação marcada por trocas para a (re)elaboração do conhecimento.

Para isso, Freire (1989) sinaliza que o ato pedagógico é enfatizado como uma ação que busca criar, de maneira dialógica, um conhecimento do mundo. Nessa abordagem, o diálogo permite que o homem estabeleça uma comunicação mais profunda com a realidade, aumentando sua consciência sobre ela até o ponto em que ele é capaz de definir sua práxis em relação à realidade opressora, com o objetivo de desmascará-la e transformá-la.

O bom senso deve permear todo o trabalho educativo, a pedagogia freireana é uma pedagogia da vida, que respeita as “leituras de mundo” próprias de cada sujeito, no livro mestre ignorante um do ponto de discussão que reafirma esse pensamento é que, não há desigualdade de inteligências e onde aquele que teria certa inferioridade só a teria por não tem a ambição de querer saber mais. Existe um consenso de que o conhecimento não pode ser destituído de significado, dissociado de outras formas de conhecimento e do indivíduo.

Freire (1989) aponta que a questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa. O diálogo exige respeito às diferenças, que não silencia outras vozes, mas as escutas. E não se trata só de respeitar as diferenças, mas também de valorizá-las.

Vemos então, o quão significativo se torna nas práticas pedagógicas o cuidado dos professores em destacar as diversas linguagens da cultura brasileira.

Ao educador cabe apenas registrar fielmente este vocabulário e selecionar algumas palavras básicas em termo de sua frequência, relevância como significação vivida e tipo de complexidade fonêmica que apresentam. Estas palavras, de uso comum na linguagem do povo e carregadas de experiências vivida, são decisivas, pois a partir delas o alfabetizando irá descobrir as sílabas, as letras e as dificuldades silábicas específicas de seu idioma, além de que servirão de material inicial para descoberta de novas palavras. São as palavras geradoras, a partir de cuja discussão o alfabetismo irá tomando posse de seu idioma (FREIRE, 1989, p. 13)

Uma das marcas Freireana é trabalhar com texto livres, buscando a valorização do saber do educando, de sua história e de sua identidade cultural, os educandos seriam chamados a assumir o papel de



sujeitos no processo de sua aprendizagem e a utilização desse saber serviria como ponto de partida para a escola como um dos assuntos a serem trabalhados em sala de aula. “A visão da liberdade tem nesta pedagogia uma posição de relevo. É a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetivamente e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos” (FREIRE, 1989, p.13).

Já na ação pedagógica norteadora pela abordagem de educação tradicional temos como eixo central os conteúdos escolares, centralidade na figura do professor, cuja principal função é transmitir o conhecimento historicamente construído pelo homem; quesitos que comunga com o princípio de embrutecimento dito pelo professor Joseph Jacotot antes de passar por uma experiência com um grupo de alunos que fez reformular algumas de suas práticas pedagógicas. Na concepção de Freire (1998), é dita como educação bancária, uma educação que se caracteriza por depositar, no aluno, conhecimentos. O aluno é visto como um elemento passivo, que recebe e assimila o que é transmitido, sem que haja uma interação entre este e o conhecimento. A ênfase está na memorização e na reprodução do conteúdo por meio de exercícios, que na maioria das vezes não tem nada que ver com a realidade dos educandos.

Em contraposto a abordagem tradicional ou educação bancária (FREIRE, 1998) encontramos a abordagem sociocultural, educação libertadora. Segundo o filósofo e educador, os educandos são reconhecidos como sujeitos de seu próprio processo de aprendizagem.

Nessa abordagem a dialogicidade é o eixo central de todo o trabalho pedagógico, o papel do professor consiste em proporcionar em conjunto com os alunos as condições para que se promova a aprendizagem, tendo como objetivo o desenvolvimento da consciência crítica. Nessa relação de fala e de escuta, o silêncio é imprescindível. É preciso saber calar para ouvir, respeitar a fala do outro, para então poder escutá-lo com amor e compreensão.

O silêncio do saber escutar os que têm o que dizer revela profundo respeito pelo outro e pelo saber também do outro, pelo que este também tem a dizer. Durante a comunicação verbal, a palavra funciona como um condutor através do qual os significados subjacentes à interação humana são transmitidos. Essa interação não se limita apenas à fala, mas também envolve a escuta ativa e encorajamento do discurso do outro, que o orador considera importante ouvir.

A atitude dialógica implica em demonstrar interesse pelo cotidiano do outro, pelos seus interesses e pelos saberes que os educandos-educadores trazem, que se baseiam em suas experiências, crenças, culturas e aprendizados cotidianos. A partir disso, pode-se refletir sobre o que e como ensinar. Considerando que o aprendizado do professor ao ensinar se verifica na medida em que o professor, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se nas suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e os diferentes caminhos e veredas, que elas os faz percorrer. Isso significa



que o professor aprende a ensinar, mas também aprende ao ensinar, uma vez que o processo de ensino o leva a reaprender o que está sendo ensinado.

A mediação da aprendizagem, nessa perspectiva, põe em evidência o papel de sujeito do aluno e fortalece o seu papel ativo nas atividades que lhes permitirão aprender, bem como renovar o papel do professor e permite a entrada de novos materiais nos ambientes de aprendizagem, porque há sempre algo diferente a fazer no cotidiano educativo, quer dela participemos como aprendizes, e portanto ensinantes, ou como ensinantes e, por isso aprendizes também.

A pedagogia freireana propõe um ensino voltado para o diálogo, à liberdade e ao exercício constante de busca ao conhecimento participativo e transformador – uma educação que esteja disposta a considerar o ser humano como sujeito de sua própria aprendizagem e não como mero objeto sem resposta e saber. Seu local de morada, sua vivência, sua realidade e, principalmente, sua forma de enxergar e ler o mundo precisam ser levados em consideração para que essa aprendizagem aconteça, “a educação como ato de liberdade, é ato de conhecimento, uma aproximação da realidade (...)”. (FREIRE, 1989, p.47)

Constitui-se num movimento de relações que permitem a criação e recriação de estratégias que possibilitem ao aluno atribuir sentido ao seu objeto do conhecimento, fortalecendo seu papel enquanto sujeito de sua aprendizagem. Demanda do professor uma postura reflexiva no sentido de estar constantemente avaliando e revendo sua prática; bem como criticidade para perceber-se enquanto agente de mudança em uma abordagem libertadora.

O ponto focal da discussão é levar o professor a refletir sobre sua própria prática, fazer de sua experiência sua mais importante fonte de construção de saberes, partindo da análise de suas práticas para compreender as formas como enfrenta os problemas complexos da vida escolar, como utilizar seu conhecimento e como cria novos procedimentos e estratégias de ensinar e aprender. Esse tipo de reflexão, numa linguagem freireana, implica o educador a interar-se de sua cultura e de sua história, consciente de ser e vir a ser no mundo, mergulhando no mundo da sua experiência e sentimentos, um mundo carregado de representações, ao mesmo tempo, perceber, a partir de uma compreensão teórica, o que está se dando no mundo da objetividade.

Lefebvre (1980), sinaliza que as representações emergem e se formulam nas condições históricas particulares e gerais. Vêm de fora, impostas ao sujeito e sua consciência (como ideias e objetivos) e de dentro, contemporâneas de sua constituição como indivíduo e ser social.

Nesse contexto, para o educador, toda ação docente deve ser fundamentada em dois princípios básicos: o primeiro se refere à reflexão sobre o homem e sua "vocação" para se afirmar como sujeito da história; e o segundo, associa-se à posição do homem nesta história, sua ação no mundo como seu interprete e criador da cultura.



Freire, caracteriza o educador dialógico como aquele que não tem o direito de impor sua posição aos outros, mas enfatiza que o professor libertador nunca pode se calar a respeito das questões sociais ou se omitir em relação a esses tipos de problemas, estar constantemente refletindo sobre questões sociais é um processo educativo que impulsiona a liberdade e educa para a vida. A pedagogia freireana é, em função disso, uma pedagogia da esperança, nesta perspectiva a educação deve representar uma alternativa teoricamente renovadora e politicamente viável para o atual impasse na teoria e na prática educacional.

Paulo Freire critica qualquer tipo de estratégia educativa que se limite apenas à transformação individual dos educandos, esquecendo-se de transformar, coletivamente, as estruturas sociais, mediante o diálogo que liberta. Em um dos livros que escreveu ele diz que ninguém sabe tudo. Todo mundo sabe alguma coisa e todo mundo ignora alguma coisa. O direito de saber melhor o que já se sabe significa ultrapassar os níveis de conhecimento sobre o mundo.

3 COSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de princípios metodológicos diferentes, ambos buscam compreender a educação como um processo passível de gerar um homem em sintonia com seu tempo, graças à esfera do diálogo. As práticas educacionais voltadas para a liberdade e a complexidade questionam a abordagem disciplinada fechada, inerte e não comunicativa, que impede um diálogo enriquecedor nos ambientes educacionais.

Os autores supracitados enfatizam que é o conhecimento do conhecimento que cria o comprometimento e favorece o diálogo. Por isso, devemos conservar a responsabilidade por tudo que conhecemos. Sendo assim, as práticas educativas desempenham um papel fundamental na moldagem do mundo em que vivemos. Por essa razão, é imperativo que criemos um movimento complexo que possibilite a livre circulação de conhecimentos.

No contexto da educação libertadora, há uma relação de troca horizontal entre educador e educando que exige uma postura transformadora em relação à realidade conhecida. Dessa forma, a educação libertadora é, acima de tudo, uma forma de conscientização, na medida em que não se limita a conhecer a realidade, mas busca transformá-la. Tanto o educador quanto o educando aprofundam seus conhecimentos sobre um objeto cognoscível em particular, a fim de intervir sobre ele.

Quando se articula o conhecimento em relação ao mundo, os educandos se sentem desafiados a buscar respostas, e quanto mais incitados, mais propensos a atingir um estado de consciência crítica e transformadora em relação à realidade. Esta relação dialética é cada vez mais incorporada na medida em que, educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo.

Para que esse movimento ocorra, é necessário que as competências se fundam e haja a troca de experiências decorrentes das diferentes habilidades, que não se restringem unicamente às suas especialidades.



REFERÊNCIAS

DUVEEN, G.. Introdução: O Poder das ideias. In S. Moscovici. Representações Sociais: investigações em psicologia social. 7ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

FREIRE, Paulo. A Educação como Prática da liberdade. 23ª. Ed.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. KEIM, Ernesto Jacob. Humanização e Educação em Freire E Lukács. ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO - PPGE/ME FURB, v. 6, n. 2, p. 300-321, mai./ago. 2011. ISSN 1809-0354.

LEFEBVRE, Henri. La présence et l'absence: Contribution à la théorie des représentations. Paris: Ed anthropos, 1980.

RANCIÈRE, Jacques. O Mestre Ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lílian do Valle-2 ed.- 1a reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 192p. (Educação: Experiência, 1).